

RUBEM AZEVEDO LIMA

FHC

CORREIO BRAZILIENSE

Arte de engolir sapos

28 FEV 1997

O dia 26 de fevereiro talvez seja, politicamente, o mais aziago de todos, nestes dois primeiros meses de 1997, para o presidente Fernando Henrique Cardoso. Foi quando FHC tornou-se o alvo de severas críticas do cardeal Dom Lucas Moreira Neves e do historiador norte-americano Thomas Skidmore.

D. Lucas reclamou das queixas que o presidente fez ao papa João Paulo II, sobre o engajamento dos sacerdotes brasileiros na procura de saídas para a crise agrária do Brasil. O presidente, nesse episódio, não entanto, voltou a repetir o que fizera em outras oportunidades, quando tratou de questões internas do país no exterior.

De resto, se nem a participação partidária da Igreja consegue sensibilizar nossas autoridades para o drama dos sem-terra, sem ela, provavelmente, o presidente pode reeleger-se quantas vezes quiser, mas não realizará uma verdadeira reforma agrária.

O historiador Skidmore tocou noutra questão delicada, a que o

próprio presidente deu origem: a conquista, na Câmara dos Deputados, do direito à reelegibilidade presidencial em 1998, por intermédio de pressões políticas e econômicas. Nesse caso, Skidmore endossou a opinião generalizada, entre os brasileiros, segundo a qual o presidente superestimou-se e convenceu os deputados, sempre dispostos a convencer-se, de que só ele, FHC, pode pôr o país nos eixos, em caráter definitivo.

O espírito cristão de Dom Lucas não lhe permite, naturalmente, segundas intenções no que diz. Mas o historiador americano, com sua multiforme ironia, sugeriu, até, que o Brasil encomendasse ao cientista escocês, criador do clone de uma ovelha de úberes fartos, a criação também de uma duplicata perfeita do presidente FHC, para a solução de todos os problemas nacionais, sem novas reeleições, no futuro.

Como Skidmore sabe que o primeiro clone obtido em laboratório foi o de um sapo, há meia

dúzia de anos, sua crítica pode, portanto, maliciosamente, estar antevendo para os brasileiros não o futuro de fatura do leite de ovelhas, mas a dieta indigesta desses anuros, caso se mantenha, por tempo indeterminado, a política econômica de FHC.

Por enquanto, quem está no que se costuma chamar de inferno zodiacal e na fase de engolir sapos, felizmente em sentido figurado, é o presidente FHC, cujo solipsismo político — a exageração da importância do próprio eu — empanou sua imagem perante a comunidade de cientistas, juristas e intelectuais, no Brasil e no mundo. Pareceu comprovar-se, com isso, quão verdadeira é a sabedoria popular, para a qual um pássaro na mão é mais seguro do que dois voando. Um bom e respeitável mandato presidencial, concedido pelo povo, nas urnas, é muito melhor, com certeza, do que dois ou três obtidos sabe Deus como, na antecâmara das câmaras, por mais legítimo que estas sejam.